



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI
AOS PARTICIPANTES NO XXIII CONGRESSO
MARIOLÓGICO MARIANO INTERNACIONAL**

*Palácio Apostólico de Castel Gandolfo
Sábado, 8 de Setembro de 2012*

Estimados irmãos e irmãs

É com grande alegria que recebo todos vós aqui em Castel Gandolfo, quase no encerramento do XXIII Congresso mariológico mariano internacional. Muito oportunamente, estais a meditar sobre o tema: «A mariologia a partir do Concílio Vaticano II. Recepção, balanço e perspectivas», dado que nos preparamos para recordar e celebrar o cinquentenário do início dessa grandiosa Assembleia, inaugura no dia 11 de Outubro de 1962.

Saúdo cordialmente o Cardeal Angelo Amato, Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, Presidente do Congresso; o Cardeal Gianfranco Ravasi, Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura e do Conselho de Coordenação entre as Academias Pontifícias, assim como o Presidente e as Autoridades Académicas da Pontifícia Academia Mariana Internacional, à qual transmito o meu agradecimento pela organização deste importante acontecimento. Dirijo uma saudação aos Bispos, aos sacerdotes, aos religiosos, às religiosas, aos Presidentes e aos representantes das Sociedades mariológicas presentes, aos estudiosos de mariologia e, por fim, a todos aqueles que participam nos trabalhos do Congresso.

O Beato João XXIII quis que o Concílio Ecuménico Vaticano II fosse inaugurado precisamente no dia 11 de Outubro, dia em que, no ano 431, o Concílio de Éfeso tinha proclamado Maria «*Theotokos*», Mãe de Deus (cf. AAS 54, 1962, 67-68). Em tal circunstância, ele começou o seu discurso com palavras significativas e programáticas: «*Gaudet Mater Ecclesia quod, singulari Divinae providentiae munere, optatissimus iam dies illuxit, quo, auspice Deipara Virgine, cuius materna dignitas hodie festo ritu recolitur, hic ad Beati Petri sepulchrum Concilium Oecumenicum*

Vaticanum Secundum sollemniter initium capit» (tradução: «A Mãe Igreja alegra-se porque, por uma dádiva especial da Providência divina, já chegou o dia tão almejado em que, sob os auspícios da Virgem Mãe de Deus, cuja dignidade materna se celebra com alegria hoje, aqui junto do sepulcro de São Pedro, começa solenemente o Concílio Ecuménico Vaticano II»).

Como sabeis, no próximo mês de Outubro, para recordar aquele acontecimento extraordinário, será inaugurado solenemente o *Ano de fé*, que eu quis proclamar com o Motu proprio *Porta fidei* no qual, apresentando Maria como modelo exemplar de fé, invoco a sua especial salvaguarda e intercessão para o caminho da Igreja, confiando este tempo de graça a Ela, bem-aventurada porque acreditou. Prezados irmãos e irmãs, também hoje a Igreja se alegra na celebração litúrgica da Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria, a Toda Santa, aurora da nossa salvação.

O sentido desta festa mariana é-nos recordado por santo André de Creta, que viveu entre os séculos VII e VIII, numa sua famosa *Homilia para a Festa da Natividade de Maria*, em que este acontecimento é apresentado como um fragmento precioso do mosaico extraordinário que é o desígnio divino de salvação da humanidade: «O mistério de Deus que se torna homem e a divinização do homem assumido pelo Verbo representam a suma dos bens que Cristo nos concedeu, a revelação do plano divino e a derrota de toda a presunçosa auto-suficiência humana. A vinda de Deus entre os homens, como luz resplandecente e realidade divina clara e visível, é o dom grande e maravilhoso da salvação que nos é dispensado. A celebração hodierna honra a Natividade da Mãe de Deus. Porém, o verdadeiro significado e a finalidade deste acontecimento é a encarnação do Verbo. Com efeito, Maria nasce, é amamentada e educada para ser a Mãe do Rei dos séculos, de Deus» (*Discurso I*: PG 97, 806-807). Este testemunho importante e antigo leva-nos ao cerne da temática sobre a qual meditar e que o Concílio Vaticano II quis ressaltar já no título do capítulo VIII da Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium*: «A Bem-Aventurada Virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja». Trata-se do «*nexus mysteriorum*», da ligação íntima entre os mistérios da fé cristã, que o Concílio indicou como horizonte para compreender cada um dos elementos e as diferentes afirmações do património da fé católica.

No Concílio, no qual participei como perito quando era um jovem teólogo, tive a oportunidade de ver os vários modos de enfrentar as temáticas acerca da figura e do papel da Bem-Aventurada Virgem Maria na história da salvação. Na segunda sessão do Concílio, um numeroso grupo de Padres pediu que se falasse sobre Nossa Senhora no contexto da Constituição sobre a Igreja, enquanto outro grupo igualmente numeroso defendia a necessidade de um documento específico que salientasse adequadamente a dignidade, os privilégios e o papel singular de Maria na redenção levada a cabo por Cristo. Com a votação de 29 de Outubro de 1963 decidiu-se optar pela primeira proposta, e o esquema da Constituição dogmática sobre a Igreja foi enriquecido com o capítulo sobre a Mãe de Deus, no qual a figura de Maria, relida e reproposta a partir da Palavra de Deus, dos textos da tradição patrística e litúrgica, mas também da ampla reflexão

teológica e espiritual, se manifesta em toda a sua beleza e singularidade, estreitamente inserida nos mistérios fundamentais da fé cristã. Maria, de quem é salientada antes de tudo a fé, faz parte do mistério de amor e de comunhão da Santíssima Trindade; a sua cooperação para o plano divino da salvação e para a única mediação de Cristo é claramente afirmada e posta no justo relevo, fazendo dela um modelo e um ponto de referência para a Igreja, que n'Ela se reconhece a si mesma, a própria vocação e a sua missão. Por fim a piedade popular, desde sempre orientada para Maria, é alimentada pelas referências bíblicas e patrísticas. Sem dúvida, o texto conciliar não tratou a fundo todas as problemáticas relativas à figura da Mãe de Deus, mas constitui o horizonte hermenêutico essencial para cada ulterior tipo de reflexão, quer de carácter teológico, quer de índole mais estreitamente espiritual e pastoral. Além disso, representa um precioso ponto de equilíbrio, sempre necessário, entre a racionalidade teológica e a afectividade dos crentes. A figura singular da Mãe de Deus deve ser compreendida e aprofundada a partir de perspectivas diferentes e complementares: enquanto permanece sempre válida e necessária a *via veritatis*, não podemos deixar de percorrer também a *via pulchritudinis* e a *via amoris*, para descobrir e contemplar ainda mais profundamente a fé cristalina e sólida de Maria, o seu amor a Deus e a sua esperança inabalável. Por isso, na Exortação Apostólica *Verbum Domini*, dirigi um convite a continuar na linha ditada pelo Concílio (cf. n. 27), convite que dirijo cordialmente também a vós, caros amigos e estudiosos. Ofereci a vossa competente contribuição de reflexão e de proposta pastoral, para fazer com que o iminente *Ano da fé* possa representar para todos os crentes em Cristo um verdadeiro momento de graça, no qual a fé de Maria nos preceda e nos acompanhe como farol luminoso e como modelo de plenitude e maturidade cristã, para o qual olhar com confiança e do qual haurir entusiasmo e júbilo para viver sempre com maior empenhamento e coerência a nossa vocação de filhos de Deus, irmãos em Cristo e membros vivos do seu Corpo, que é a Igreja.

Confio todos vós e o vosso compromisso de investigação à salvaguarda materna de Maria e concedo-vos uma especial Bênção Apostólica. Obrigado!